

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(ALGUMAS) REFLEXÕES COMPLEMENTARES COMO CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Giovani De Lorenzi Pires;
Paula Bianchi*

Entendemos que, ao longo dos capítulos que compõem este estudo, vimos estabelecendo reflexões a respeito do que observamos em cada conjunto de resultados aqui expressos. Mesmo assim, algumas das questões analisadas merecem ser retomadas neste momento final do trabalho. E aí, são muitas as provocações a uma reflexão mais aprofundada que decorrem dos dados da pesquisa realizada. Para tentarmos nos manter fiéis aos objetivos do estudo, centramos nosso foco aqui no que diz respeito aos elementos advindos da observação do campo empírico, dialogando com o produto da cobertura jornalística (as matérias analisadas) e com os produtores da cobertura, os jornalistas acompanhados em sua práxis profissional e seus depoimentos à pesquisa.

Mas não podemos deixar de nos referir, preliminarmente, a uma questão que já destacávamos no texto do projeto que originou essa pesquisa. Trata-se da crescente concentração dos meios da indústria midiática no Estado de Santa Catarina na mão de, cada vez menos, grupos empresariais de comunicação. No próprio decorrer da pesquisa, dois dos veículos acompanhados, o jornal A Notícia e a emissora da Rede TV Sul, trocaram de mãos e de donos. A mudança da Rede TV Sul é significativa porque, ao filiar-se à rede do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), praticamente extinguiu-se a transmissão da programação Rede TV em sinal aberto no território catarinense. A troca implicou também consequências de natureza comercial, certamente, mas acreditamos que se anunciam mudanças, sobretudo, quanto ao tipo e espaços para cobertura de eventos regionais que a emissora efetuará futuramente, uma vez que o SBT opera num sistema de grade mais centralizada na “cabeça” da rede, na cidade de São Paulo. Vale observar, por exemplo, como será a cobertura jornalística do JASC em 2008, no próximo mês de novembro. Ainda mais que, de forma diversa do que ocorreu em Jaraguá do Sul, o JASC volta a ser compartilhado entre cidades, desta vez em número de quatro: Timbó, Indaial, Pomerode e Rio do Cedro.

A outra mudança de veículo analisado, que igualmente se deu logo após o término da parte de coleta de dados, foi a transferência do capital acionário e, portanto, da sua administração, do jornal A Notícia para o Grupo RBS. Pudemos observar aqui a conclusão do processo de concentração da mídia impressa catarinense de circulação estadual nas mãos do poderoso grupo gaúcho. Com o encerramento das atividades de O Estado e a compra do A Notícia, a RBS passa a ser a responsável por 100% dos jornais diários que circulam em toda Santa Catarina. Essa é uma situação preocupante sob vários aspectos, especialmente considerando que eles, pela estreita relação que têm com o Sistema Globo, possuem o monopólio da transmissão do sinal da Rede Globo de Televisão e do sistema CNB de rádio (AM) para todo o Estado. A proibição da propriedade cruzada pelo mesmo grupo empresarial-midiático, prevista em lei, neste caso parece ter sido absolutamente desconsiderada pelos órgãos fiscalizadores, naturalmente mediante a estratégia comum de colocar pessoas diferentes, mas todas li-

gadas ao grupo, à frente de cada veículo do grupo. O poder político adquirido pelo grupo RBS em Santa Catarina, diante da situação que vem sendo construída, é no mínimo preocupante, especialmente diante da fragilidade dos mecanismos de controle do conteúdo informacional, publicitário e de entretenimento que são veiculados pela mídia.

No campo das políticas públicas de comunicação, situações como essas aqui descritas deveriam ser objeto permanente de acompanhamento e análise por parte das agências reguladoras pertinentes ao tema e do próprio Ministério das Comunicações. Não é o que, com certeza, temos visto, por razões óbvias: nenhum grupo político partidário no governo, que precisa enfrentar uma eleição a cada dois anos, gostaria de ter esses grupos poderosos como seus desafetos. E vamos vendo, assim, cada vez de forma mais inapelável, a instituição da mídia como o chamado Quarto Poder da República.

Também consideramos relevante chamar a atenção para outra afirmação inicial do estudo e que, em nossa observação, veio a confirmar-se: os Jogos Abertos de Santa Catarina constituem-se num grande evento esportivo, o maior do Estado, com características muito peculiares. As contradições importantes que puderam ser facilmente observadas, em vez de empanar o brilho dos Jogos, pelo contrário, contribuem para compor e destacar essa condição singular do JASC.

A (super) estrutura esportiva montada para o evento nada fica a dever aos grandes espetáculos, contando com um aparato de infra-estrutura capaz de acolher aos milhares de atletas, pessoal técnico, familiares e torcedores que acompanham as equipes dos municípios classificados para a etapa final centralizada. Sem esquecer o grande número de repórteres, cinegrafistas, jornalistas em geral que também acompanham dioturnamente as competições, expedindo boletins informativos às suas comunidades.

Cabe destacar todo o ritual da tradição olímpica que se constitui no pano-de-fundo dos jogos, especialmente presente nas celebrações da abertura e do encerramento. O cerimonial de acendimento prévio da chama olímpica do JASC faz da pequena Brusque, cidade em que nasceu a idéia e foi realizada a primeira edição dos jogos, a Atenas de Santa Catarina, sendo levada à cidade-sede em cortejo, por atletas que se revezam na sua

condução. A pira olímpica que a recebe fica a arder, às vistas dos espectadores, por todo o período de realização dos jogos. O desfile das delegações, precedidas por jovens com trajes típicos das diferentes etnias que constroem a diversidade cultural do Estado, culmina com juramento do atleta, a exemplo do que presenciamos a cada edição dos Jogos Olímpicos.

As contradições de que falávamos se revelam, por exemplo, nas notórias diferenças que passam a se expressar a partir daí. A vila olímpica dá lugar a acomodações provisórias em alojamentos, normalmente em salas de aula de escolas públicas da cidade. Colchões e roupas de cama e banho são de responsabilidade de cada um, que as deve trazer de casa. Na ausência de instalações adequadas para lavar e pôr a secar roupas e fardamentos, as janelas dos alojamentos viram varais coloridos, feito bandeiras desfraldadas. É no próprio local de alojamento que as refeições de atletas, técnicos e dirigentes são preparadas e servidas pelas delegações.

As condições não são necessariamente precárias, mas nada tem a ver, principalmente, com as possibilidades de socialização que se oferecem numa vila olímpica. Atletas de diferentes cidades só se encontram com os de outras, e da mesma modalidade, nos locais de competição. Aliás, do ponto de vista social e cultural, o JASC quase nada oferece. Não há preocupação com confraternizações, não são programados eventos artísticos paralelos. Nem mesmo para os torcedores que acompanham as delegações das suas cidades é pensando algo assim. Na verdade, eram mesmo muito poucos os torcedores das outras cidades que pudemos observar nos locais dos jogos. Os espectadores presentes eram, em sua maioria, os moradores da própria cidade-sede. E assim mesmo, são as competições de apenas algumas modalidades, especialmente o futsal – e ainda de forma mais específica, quando a Malwee/Jaraguá joga -, que acolhem grandes públicos nos locais de disputa.

Rodando pela região central da cidade, no exercício do nosso olhar antropológico, não fosse pelas placas de trânsito, indicativas do caminho dos locais de jogos, dificilmente se perceberia que, ali, está sendo disputado do maior evento esportivo do estado. Assim, o JASC se notabiliza por ser um evento quase exclusivamente esportivo, cuja realização é plenamente vivenciada por pessoas diretamente envolvidas com a dimensão técnica

dos jogos, o que parece se confirmar diante do tipo de cobertura feito pela mídia impressa e televisiva, como se verá logo a seguir. Diante deste fato, é difícil crer que o principal argumento do discurso político favorável ao evento, quanto ao alegado incremento na economia local e a ampliação de perspectivas turísticas para a região, seja efetivamente concretizado com os jogos. Neste sentido, cabe perguntar se a presença de um evento destas dimensões, com a participação de delegações de praticamente todas as regiões do Estado, realizado anualmente, não desperta nos setores públicos e privados envolvidos com o turismo na cidade-sede e na região da sua realização a tão aclamada vocação turística de Santa Catarina? Ou essa só se manifesta para o turismo externo ou de verão?

Passando a refletir mais objetivamente sobre os resultados do campo investigado, podemos destacar logo que um fato que chamou nossa atenção, na interpretação do material a respeito do JASC/2007, especialmente no que se refere aos dados clipados dos jornais e emissoras de televisão, é a absoluta hegemonia dos aspectos técnicos na cobertura jornalística. Nessas informações são destacadas a programação dos jogos do dia, os resultados obtidos, a classificação de atletas e equipes, nas diversas modalidades, quadro de medalhas, caracterizado-se por serem factuais, objetivas e breves, ocupando pouco espaço (nos jornais) e tempo (nas televisões).

Essas reportagens e matérias jornalísticas, classificadas, portanto, na categoria que denominamos “técnica”, predominam com folga sobre as demais categorias seja considerando cada segmento de mídia analisado (jornal ou televisão), seja tomando como referência cada um dos quatro veículos observados.

Análises decorrentes desta constatação possibilitam associá-la, por exemplo, a uma convicção também bastante explícita nos depoimentos dos jornalistas entrevistados. Eles não apenas corroboram com essa nossa assertiva, como expressam o entendimento de que esse tipo de informação é pertinente com aquilo que eles compreendem ser o desejo do seu público, leitores e telespectadores. Desta forma, estariam os veículos midiáticos tão somente atendendo às expectativas que seus agentes (os jornalistas) julgam conhecer.

Um questionamento importante para a reflexão ao acima citado refere-se ao fato de que a semelhança das informações veiculadas em mídias de características tão diversas, como o jornal e a televisão, revela-se em dissonância com o que é preconizado ser o papel de cada segmento da mídia na sociedade contemporânea, marcada pela facilidade de acesso e a agilidade da informação. Segundo a linha de raciocínio desenvolvida a partir daí, pela capacidade de deslocamento (unidades móveis, mini-geradoras montadas em vans) e a instantaneidade na circulação dos fatos que são noticiados (plantões e “ao vivo”), à televisão (assim como ao rádio de serviços) é atribuída uma função mais informativa, caracterizada pelo relato sucinto e tanto quanto possível imparcial do fenômeno divulgado. Assim, os telespectadores (e os ouvintes) devem ser informados com rapidez, com uma quantidade razoável de detalhes e imagens do fato relatado; com isso, sentir-se-ão motivados a buscar mais informações nos telejornais do final do dia ou mesmo em outros veículos midiáticos. Por outro lado, com o advento e popularização das novas mídias eletrônicas, restaria ao jornalismo impresso uma dimensão de caráter eminentemente formativo, destinado especialmente aos chamados formadores-de-opinião da sociedade, que teriam no jornal acesso a um conjunto mais amplo de informações, incluídos aí os textos opinativos dos colunistas.

Ora, se os fatos observados na pesquisa demonstram não diferirem de forma efetiva as informações do jornalismo impresso e as da mídia televisiva e, pelo que constatamos, em todos os veículos essa informação tem sido predominantemente factual, descrita objetivamente, parece-nos lícito supor que os jornais analisados não focam, em seus projetos editoriais, ao menos em relação ao esporte, a formação dos formadores de opinião. Se as notícias que circulam na imprensa escrita não diferem, não acrescentam, não qualificam a informação veiculada nas mídias eletrônicas, que motivos teriam esses cidadãos e cidadãs para fazerem uso do jornal a fim de formarem a sua opinião? E se os formadores de opinião, principais consumidores do jornal, não vêm tendo motivos substanciais para buscarem a leitura destes diários, menos ainda terão aqueles estratos sociais que, por características socioculturais e econômicas, tradicionalmente não lêem jornais. Pode-

ria estar aí uma das razões que tem levado os jornais ao encerramento das suas atividades ou à associação com grupos midiáticos poderosos que, por produzirem informações segmentadas para vários veículos a partir da mesma central jornalística, conseguem reduzir seus custos operacionais – conforme destacamos quanto à compra do jornal A Notícia pelo Grupo RBS.

Associado a essa reflexão, cabe ainda um comentário sobre o que poderíamos classificar, no mínimo, de uma certa (falsa?) ingenuidade que perpassa o entendimento expresso pelos jornalistas entrevistados, no sentido de que seus veículos estariam atendendo às expectativas de seus telespectadores e leitores. Ora, num país em que a referência à mídia como o “Quarto Poder” não é mera figura de retórica, condição inclusive de que ela efetivamente vem se fazendo valer para garantir seus interesses, soa como ironia a afirmação dos jornalistas, como se a mídia fosse mero espelho da sociedade, somente refletindo valores, compreensões e atitudes que seriam legitimamente negociadas entre pares no âmbito da cultura vivida, sem qualquer interferência da própria mídia na produção destes quesitos e preferências socialmente compartilhadas.

Já na análise comparativa da produção veiculada pelas emissoras de televisão acompanhadas nesta pesquisa, foi possível constatar algumas diferenças significativas, em que pese os dados objetivos mostrarem haver mais semelhanças que dissensos nas respectivas coberturas.

Estamos nos referindo aqui à interpretação mais qualitativa que fizemos do material recolhido e analisado, para além do tempo cronometrado dedicado aos jogos por cada emissora, da distribuição das matérias conforme modalidades referidas e da classificação das mesmas em categorias de análise.

De pronto, podemos perceber que, apesar de toda a infra-estrutura operacional montada em Jaraguá pela Rede TV Sul, havia um significativo diferencial de qualidade no trato com a informação no material veiculado pela da RBS TV, revelado em aspectos mais subjetivos, como: as sonoridades dos repórteres, seja na apresentação da informação, seja no diálogo com os entrevistados; a natureza técnica das imagens colhidas, como iluminação, enquadramento, etc.; a produção de novos materiais informativos a cada boletim, evitando a excessiva repetição de reportagens; a organização mais

adequada do tempo de cada matéria aos assuntos em pauta, alternando enfoques, distribuindo-o melhor em relação aos fatos noticiados. Em outras palavras (e relativizando um pouco o que vamos afirmar), pode-se dizer que o profissionalismo maior da cobertura da RBS TV deu a este produto uma conotação mais austera e sóbria no tratamento da informação.

Pode-se atribuir tal fato à maior experiência acumulada na cobertura de grandes eventos esportivos, até mesmo internacionais, que a RBS TV possui, como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo de futebol. Em âmbitos profissionais como estes, nos quais a disputa pela melhor informação, pela obtenção de melhores condições de produção e veiculação de notícias, é muito mais renhida, a equipe de esportes da RBS TV pode ter adquirido uma práxis jornalística mais apurada, que, aplicada a eventos de menor envergadura como os nossos Jogos Abertos, traduz-se pela qualidade diferenciada de cobertura, que podemos percebermos na análise do material daquela emissora. Outra possível causa, que entendemos relacionada à primeira, é o fato de a RBS TV ser uma emissora coligada à Rede Globo de Televisão que, como se sabe, institui para si própria e exige de todas as suas afiliadas, um padrão de qualidade jornalística que se expressa num verdadeiro “manual de redação”, a exemplo dos grandes jornais do país. Tal padrão de qualidade envolve cuidados técnicos e discursivos com respeito à informação, e tende a se repetir e ser incorporada pelas emissoras associadas à Globo. Mesmo com certa flexibilidade que caracteriza as coberturas esportivas, esta exigência de qualidade estendida às emissoras regionais pode ter colaborado para que a cobertura do JASC/2007 realizada pela RBS TV tenha se revelado dentro (ou próximo) do que se convencionou chamar “o padrão Globo de qualidade.”

Associado a este fato (da qualidade da cobertura), podemos constatar ainda uma diferença de enfoque entre as duas emissoras, especialmente no que se refere a dois temas que se complementam. Trata-se da ênfase maior da Rede TV Sul nas questões regionais e na presença de personalidades presentes ao evento, especialmente políticas. Antes, uma informação necessária a ser lembrada: a cobertura da Rede TV Sul teve o próprio Estado, promotor dos JASC, como um de seus patrocinadores. Acreditamos que tal fato tenha sido um dos motivos estratégicos para o fato da emissora

ênfatizar a participação de delegações das mais diversas regiões de Santa Catarina, no intuito de dar destaque as possibilidades de integração regional proporcionadas pelo evento. Neste sentido, quem ganhou com isso foi o público telespectador, que teve a oportunidade de ver sobressaírem-se algumas modalidades não olímpicas e por isso pouco conhecidas, tipicamente representantes das culturas de povos que emigraram para cá, no processo de colonização do Estado.

Todavia, foi na Rede TV Sul que percebemos também que os agentes políticos, especialmente os ligados aos grupos partidários que detêm o poder em Santa Catarina, mais estiveram presentes, com discursos que, obviamente, visam capitalizar politicamente os dividendos do investimento consubstanciado na realização do JASC/2007. Foram várias entrevistas e matérias com prefeitos, congressistas e membros do poder executivo estadual, todos representantes da larga aliança político-partidária que, na última eleição reelegeu o Governador e preencheu as duas vagas de senadores em disputa, além de ampla bancada legislativa no Estado e na Câmara de Deputados. Tal estratégia atualiza, com o patrocínio de verbas públicas, a conexão meios de comunicação/grupos políticos, que fez parte da história da imprensa em Santa Catarina, ressaltada em nosso Capítulo I.

Ainda em relação ao tema da regionalidade na cobertura jornalística dos jogos, pudemos constatar, em nossas observações de campo junto ao comitê de imprensa, que as emissoras de rádio tendem ainda a levar ao seu público mais específico uma informação mais voltada aos interesses da região. Em que pese a fragilização deste tipo de radiojornalismo, por conta da já comentada concentração da programação das emissoras nas “cabeças de rede”, foi possível perceber que existe ali, ainda, uma saudável relação do radialista com o seu ouvinte, mais próximo geograficamente. Todavia, por não termos tido condições de clonar a cobertura do JASC em nenhuma emissora de rádio¹, fica portanto apenas o registro, inclusive já feito no Capítulo III, e a sugestão de que esse tema possa vir a ser abordado em outras investigações.

1 Ao que consta, nenhuma das emissoras de rádio AM da região metropolitana de Florianópolis fez cobertura do JASC/2007.

Podemos observar ainda que os meios de comunicação analisado apresentaram, na maioria das vezes, notícias rápidas e atrativas e que geralmente se reportavam a um atleta específico ou alguma modalidade esportiva. No JASC/2007, o atleta mais “noticiado” foi o jogador Falcão e a modalidade o futsal.

Há algum tempo, o jogador Falcão tem recebido atenção especial da mídia por suas ótimas atuações, tanto em quadra quanto como personagem midiática. Recentemente, foi eleito o melhor jogador de futsal do mundo, ganhou medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos com a seleção brasileira e consagrou-se campeão da Liga Nacional de futsal com a equipe de Jaraguá do Sul, cidade onde atualmente reside, joga e exerce outras atividades profissionais, como a de empresário. Considerando estes fatores, cobrir um evento esportivo sem falar do Falcão é praticamente impossível para os meios de comunicação e, no JASC/2007, não foi diferente.

A mídia apropria-se de aspectos característicos dos ídolos e acaba por espetacularizar as notícias que envolvem o atleta, seus feitos e conquistas. Nesta espetacularização, percebemos a ambigüidade entre o público e o privado, na qual aspectos da vida particular sobre o melhor jogador de futsal do mundo tornam-se notícias (invadindo o espaço público destinado – melhor dizendo, que deveria ser reservado - às notícias importantes), transitando facilmente para a esfera pública a fim de atrair e prender a atenção de leitores e telespectadores, por mostrar o “ídolo” na sua intimidade, saciando com isso a curiosidade dos fãs e do público de modo geral.

Esta relação pode ser percebida também quando consideramos que as finais dos JASC/2007 aconteceram na cidade-sede Jaraguá do Sul, reconhecida nacionalmente por ser a “casa” da atual equipe campeã brasileira de futsal (equipe Jaraguá do Sul), na qual joga o craque Falcão ou “camisa 12 da *Malwee* Futsal” como também é chamado. Isto acarreta forte repercussão na mídia local e estadual, pois a figura do jogador é bastante evidenciada, muitas vezes, sobrepondo-se a própria equipe de Jaraguá do Sul, fato esse que ocorre na forma como a população local, jornalistas presentes nos Jogos e organizadores do evento se referiam a equipe de cidade pelo nome da empresa patrocinadora *Malwee*, apontando aqui um exemplo de situações em que o privado se sobressai ao público.

Não podemos deixar de comentar o grande destaque dado à modalidade futsal no JASC/2007; poderíamos até, de forma um tanto pretensiosa, dizer que este foi o JASC do futsal, devido ao espaço e a atenção dada pelos meios de comunicação analisados a esta modalidade esportiva, que traz (atrai) para o local dos jogos um número expressivo de espectadores. O futsal tem sua origem no futebol – não disputado no JASC -, que é a modalidade esportiva mais apreciada em nosso país, e que consegue mobilizar um grande número de pessoas; com isso e considerando todos os aspectos anteriormente citados, é fácil entender porque há tanta ênfase da mídia em torno deste esporte. Nesse sentido, devemos salientar que os jogos de futsal aconteceram no palco onde o ídolo Falcão costuma dar show: a Arena Jaraguá. Localizada num lugar privilegiado de onde é possível avistar toda a cidade de Jaraguá do Sul, foi recentemente construída, tem capacidade para 6.500 pessoas e dispõe de amplas instalações que podem abrigar desde lojas, lanchonetes até as equipes de jornalismo.

Foi nesse espaço da Arena Jaraguá que ficaram instaladas a sala da assessoria de imprensa da FESPORTE, da comissão organizadora do evento, o comitê de imprensa (que reunia os jornalistas envolvidos com o JASC/2007), além do próprio estúdio e ilha geradora da Rede TV Sul. Dessa forma, falar sobre o futsal, tornou-se algo quase orgânico aos profissionais que fizeram a cobertura do JASC/2007, pois estes estiveram em contato com esta modalidade durante boa (grande) parte do tempo de produção da notícia (desde a elaboração das pautas, a produção e edição das matérias até os momentos de transição elas), situação essa, que provocou nos jornalistas e equipes técnicas uma exposição maior às possíveis influências desta modalidade esportiva.

Por outro lado, conforme observamos no material analisado, é possível perceber que apesar de haver nítida preferência da mídia em personificar as matérias jornalísticas (televisivas e impressas) e tal estratégia ocupar grande espaço nos meios, isso não impossibilita, mesmo que em menor espaço, que reportagens envolvendo atletas “desconhecidos” sejam noticiadas e ganhem repercussão por seu caráter curioso e/ou excêntrico. *“Atletas correm de pé descalço”; “atleta e mãe ao mesmo tempo”; “ansiedade*

de principiante"; estes são alguns exemplos de chamadas (na televisão) ou títulos de notícias (nos jornais) sem referência a ídolos, mas que ganham espaço na mídia por estarem repletas de elementos que despertam a atenção do público, justamente por conter aspectos dramáticos da vida humana, despertando emoção, compaixão, raiva, alegria, etc. Elementos esses, que emocionam e representam na tela ou nas páginas impressas a realidade de cada telespectador/espectador, através do seu simulacro, revivido pelos atletas nas situações inusitadas. Assim, podemos inferir que a mídia busca, ao contemplar diferentes ângulos e aspectos da notícia, tornar-se cada vez mais "familiar" ao público, ampliando sua audiência.

Tendo o cuidado de manter-nos restritos ao escopo do trabalho, que é um estudo observacional-descritivo e analítico, portanto não prescritivo (embora saibamos que, em muitos momentos, esse auto-controle tenha sido quase impossível), formulamos aqui duas assertivas finais, como possíveis desdobramentos ou mesmo encaminhamentos que este estudo pode ter gerado.

O primeiro deles remete à questão dos gestores estaduais e municipais das políticas de esporte e lazer em Santa Catarina, no que diz respeito ao trato com a mídia esportiva. Pelo que vimos no trabalho, são boas as relações institucionais entre a área da administração e os meios de comunicação de massa, sobrando elogios de ambas as partes. Todavia, se nossos gestores públicos pretendem alcançar, com a promoção de eventos de esporte como o JASC, dimensões que vão para além da mera questão técnico-esportiva, inclusive a educacional, eles precisam se preocupar em apontar claramente para isso, planejando e dando visibilidade a essas atividades complementares aos jogos. Assim, poderão fazer com que o contexto da realização dos seus eventos esportivos constitua-se num cenário de múltiplas possibilidades de ação pública em favor da cultura, do esporte, do lazer, da arte, da economia, do turismo, etc., para o Estado e a região diretamente envolvida. Desta forma, poderiam ser geradas e mantidas melhores condições para que a população viesse a usufruir, durante e após a realização dos jogos, dos investimentos feitos para a realização do evento, principalmente no que se refere a melhorias de infra-estrutura comunitária e de equipamentos esportivos e de lazer, entre outros. Pelo que se obser-

vou quanto ao trato do evento pela mídia esportiva, não há ou pouco são percebidas esses movimentos da gestão pública. Para a mídia regional, um evento esportivo como o JASC é tratado da mesma forma com que ela cobre, por exemplo, o campeonato catarinense de futebol: é somente esporte, e esporte de resultados, com medalhas, campeões, etc.

Por fim, gostaríamos de reafirmar a importância que atribuímos à observação e análise do discurso midiático-esportivo por parte do campo acadêmico da Educação Física. Vários estudos vêm sendo relatados, demonstrando o quanto esse discurso é construtor de imaginários, especialmente o infantil, e de representações socialmente compartilhadas sobre o fenômeno esporte, influenciando através disso nas práticas (e nas não-práticas) esportivas que constituem essa dimensão da cultura contemporânea. Sem demonizar a mídia esportiva, mas também sem atribuímos-lhe o caráter de neutralidade política, ressaltamos a necessidade urgente de que a Educação Física reconheça na mídia uma interlocutora social importante sobre o esporte e demais práticas de movimento culturalmente significadas, para estabelecer com ela um diálogo que possa permitir ao nosso campo de conhecimento e intervenção uma prática pedagógica voltada ao esclarecimento e à construção da cidadania emancipada, na qual a cultura esportiva é fator importante. Como já afirmou se afirmou (PIRES, 1998)²:

Sem nenhum preconceito às demais áreas do conhecimento que vêm se debruçando sobre esporte para pesquisá-lo sob os mais diferentes olhares, com as quais devemos interagir, parece-nos inevitável que se não assumirmos logo a cultura esportiva como objeto de estudo, muito em breve ficaremos reduzidos ao consumo do conhecimento produzido por estas outras áreas. Estaremos limitados a ouvi-los falar para nós (e por nós) sobre esporte! O que ainda nos restará?

2 PIREs, Giovanni De Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física/UEM*, n. 9, p. 25-34, 1998.